

SANTA RITA E SÃO SIMÃO (1)

Longe de um infame trocadilho com santos, o título está relacionado à viagem de um dia às cidades paulistas de São Simão e Santa Rita do Passa Quatro, ambas próximas à rodovia Anhanguera entre Franca e Campinas. Foi uma viagem de turismo, programada para espiares um pouco do duro cenário de isolamento em que vivemos desde março de 2020.

Numa sexta-feira do final de agosto, saímos cedo (antes das 7h), a primeira parada prevista em Cravinhos, cidade com 35.500 habitantes que tinha visitado nos anos 1980. Chegamos às 8h. Queríamos conhecer a “Casa Libaneza”, novo centro cultural da cidade e a estação ferroviária da Mogiana. Cravinhos, situada ao lado da Anhanguera no alto da serra que circunda a capital do nordeste do Tucanistão (um buraco quente conhecido como Ribeirão Preto) está crescendo, mas mantém em sua região central características das pequenas cidades: sossegadas ruas com paralelepípedos, escassa verticalização, muitos prédios antigos. A “Casa Libaneza” é uma delas, uma loja que virou centro cultural. Restaurada, está em ótimo estado de conservação com salas expositivas e espaço para saraus e pequenos eventos culturais. Já a antiga estação ferroviária está em estado razoável, a Prefeitura poderia dar um uso mais nobre e valorizar ainda mais o local que tem entorno bem dinâmico, com bares e restaurantes. Como era só passagem, vale um retorno, pois há mais coisas para ver como o mercado municipal e o prédio do antigo Clube Recreativo que está em restauração.

O objetivo principal era conhecer Santa Rita do Passa Quatro, cidade com 27.600 habitantes, terra do músico Zequinha de Abreu, autor de “Tico-tico no fubá” e do artista Waldomiro Sant’Anna - Mirinho, amigo da Atalie de longa data. Às 9h30, saímos da Anhanguera e entramos na rodovia Zequinha de Abreu que dá acesso à cidade (uns 10km), o mesmo nome da praça principal, onde há uma estátua e um significativo painel cerâmico do Mirinho em homenagem ao músico. Na mesma praça está o santuário de Santa Rita, um magnífico templo católico, suas paredes coloridas impressionam. Abriga mais de 40 vitrais coloridos e pinturas do artista ítalo-brasileiro Nicolau Biagini. A magnífica arquitetura de residências e prédios do entorno da praça também impressionam pela conservação impecável. O Museu Zequinha de Abreu na antiga estação ferroviária é um show a parte. Tanto o prédio principal da estação tombada pelo CONDEPHAAT estadual, como as casas dos ferroviários e o antigo pátio transformado numa bela praça de eventos, estão bem cuidados, o oposto do que vemos em Franca. Fomos muito bem recebidos pelo prefeito Marcelo Simão, engenheiro que fez parte da minha chapa quando fui presidente da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Franca, que designou os solícitos vice-prefeito Márcio e a diretora de cultura Graziela para nos acompanhar por alguns pontos turísticos da cidade.

Conhecemos o “Centro Cultural e Museu José Spadon”, antiga cadeia totalmente restaurada, um belo espaço para a cultura local florescer ainda mais. Fomos ao Morro do Cristo, um pequeno parque que está para ser reaberto ao público de onde se descortina a maravilhosa paisagem montanhosa da região. Após o almoço, antes de iniciar a viagem de volta, tivemos tempo para um café e comprar doces regionais no Empório da Estação, bonita loja de conveniências ao lado do museu (Zequinha de Abreu, claro). Como tudo foi corrido, é daquelas viagens que demandam um retorno com calma para aproveitar melhor a beleza da cidade. As

cachoeiras e o Parque Estadual do Vassununga são atrações para outra visita. Retornamos à Anhanguera no sentido Franca, para visitar São Simão à tarde. O céu poluído pela fuligem das queimadas de florestas e plantações de cana foi a tônica o dia todo (continua).

Mauro Ferreira é arquiteto